

A Ciência do Desenvolvimento Humano
Entrevista com a Prof^a. Dr^a. Maria Auxiliadora Dessen

The Science of Human Development
Interview with Dr. Maria Auxiliadora Dessen

Karen Cristina Alves Lamas¹
Márcia de Fátima Rabello Lovisi de Freitas¹

¹ Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Maria Auxiliadora Dessen possui doutorado em Psicologia Experimental pela Universidade de São Paulo (1992). Sua formação acadêmica inclui três estágios de pós-doutoramento em Psicologia do Desenvolvimento Humano, com foco no estudo da família: Universidade de Lancaster - UK (1998) e Instituto Max Planck para o Desenvolvimento Humano e Educação - MPI, Berlim (2003, 2009). Atualmente, é Professora Associada I da Universidade de Brasília, Coordenadora do Laboratório de Desenvolvimento Familiar e Orientadora de Mestrado e Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde do Instituto de Psicologia da UnB. Tem experiência em pesquisa na área de Psicologia, com ênfase em Processos Familiares e de Desenvolvimento Humano, investigando temas contemporâneos sobre o funcionamento familiar na perspectiva do curso de vida, particularmente relações parentais e conjugais e suas implicações para o desenvolvimento de crianças pré-escolares e escolares.

A presente entrevista foi realizada em março de 2010, aproveitando-se a presença da Prof^a. Maria Auxiliadora, que esteve ministrando palestra aos alunos do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora. Agradecemos imensamente pela entrevista concedida, que foi transcrita na íntegra e gentilmente revisada e adaptada pela professora.

1) Em seus textos mais recentes, a senhora tem adotado a expressão “ciência do desenvolvimento humano” e não a designação mais tradicional “Psicologia do Desenvolvimento”. Por quê?

Nas últimas décadas do século passado, houve um grande avanço nas ciências em geral, proveniente da adoção de paradigmas sistêmicos para a compreensão de fenômenos complexos, o que “demandou” o

aprofundamento do diálogo entre diferentes áreas, resultando na seguinte conclusão em relação à psicologia do desenvolvimento: o “desenvolvimento humano” não é propriedade de apenas uma disciplina; é um fenômeno que pode e deve ser estudado por diferentes disciplinas científicas. Estudá-lo apenas pelo olhar da psicologia seria não só muito limitado, como impediria a sua compreensão, já que se trata de um fenômeno complexo. Então, ciência do desenvolvimento humano é o termo que vem sendo utilizado pelos pesquisadores da área de desenvolvimento, e nos principais periódicos da área, tanto nacionais como internacionais, para expressar que este objeto de análise não é exclusivo de uma ou de outra disciplina. Trata-se de um fenômeno que exige a contribuição de pesquisadores com olhares distintos, que trabalhem em conjunto para gerar conhecimento empírico sobre o tema. Dependendo do objetivo de pesquisa, das questões de investigação, conta-se mais com o apoio do conhecimento produzido por uma disciplina do que de outra. Acredito que, em um futuro não muito distante, possamos investigar esse fenômeno de forma transdisciplinar.

2) O que você considera ser o maior avanço das pesquisas em ciência do desenvolvimento humano, na atualidade?

São várias as contribuições provenientes de diferentes disciplinas, incluindo a psicologia do desenvolvimento humano, a biologia, a antropologia e a sociologia. Mas, acredito que uma das contribuições mais significativas para compreender os fenômenos do desenvolvimento vem sendo dada pela genética do comportamento. Esta disciplina tem ajudado muito na medida em que possibilita identificar e delimitar a atuação dos genes responsáveis por determinados comportamentos. No entanto, só isso não basta; nós,

psicólogos do desenvolvimento humano, precisamos conhecer melhor como os genes, em interação com o ambiente, produzem as trajetórias probabilísticas de desenvolvimento dos indivíduos. Em outras palavras, é nossa função “mapear o ambiente”, fazendo uma analogia com a genética do comportamento.

3) Como seria mapear o ambiente?

“Mapear o ambiente” significa conhecer que efeitos o ambiente provoca nos genes e vice-versa; significa produzir conhecimento empírico que nos possibilite descrever as interações entre genes-ambientes, o que nos permite traçar as trajetórias probabilísticas de desenvolvimento do indivíduo. Somente assim poderemos compreender porque um indivíduo seguiu uma trajetória A ou B e não C ou D, por exemplo. Existem infinitas possibilidades de trajetórias e é nossa função identificar e descrevê-las, caracterizando, assim, os padrões comportamentais (ou de interações e relações, se assim o preferirem) que continuam e aqueles que desaparecem ao longo do curso de vida. Esta noção de que o desenvolvimento é epigenético e probabilístico, isto é, que tem sua origem no indivíduo e suas potencialidades, e que se transforma e evolui na medida em que interage com o ambiente, é central para a ciência do desenvolvimento humano. Então, traçar trajetórias de desenvolvimento constitui um dos grandes desafios para o pesquisador, pois demanda, como mencionei acima, um esforço conjunto de diferentes disciplinas. Os estudos sobre ambientes compartilhados e não compartilhados, utilizando gêmeos, constituem um recurso metodológico muito bom para produzir conhecimento compatível com esta noção de desenvolvimento. Há muitos outros recursos e estamos avançando devagar na direção de pesquisas relevantes, tanto do ponto de vista social como científico.

Infelizmente, no Brasil, ainda enfrentamos muitas dificuldades para realizar pesquisas na área. Mas, não desanimem; o importante é irmos construindo passo a passo as condições para a realização de pesquisas de boa qualidade, mesmo que não sejam ainda de natureza interdisciplinar. Por ora, o conhecimento de que todas essas possibilidades existem, e que devemos fazer a nossa parte, investigando facetas dessa variável intitulada “desenvolvimento” já é um bom caminho.

A construção na ciência é lenta, e depende de vários pesquisadores que devem unir seus esforços nesta direção.

Fazendo uma analogia com os próprios conceitos e etapas do curso de vida, eu diria que estamos em um momento de “transição” na pesquisa em desenvolvimento humano, isto é, de uma revolução na maneira de coletar e interpretar os dados face ao conhecimento produzido por outras áreas, o que nos obriga a repensar esta variável importante para a compreensão dos processos de adaptação da espécie humana. O momento é de mudanças nos pressupostos norteadores do planejamento de pesquisas. Os resultados poderão ser vistos em um futuro não muito distante, após a produção de dados empíricos que sejam fruto de um trabalho de equipe multidisciplinar, que investigue questões que perpassem as suas disciplinas específicas.

4) Os primeiros estudos sobre desenvolvimento humano enfatizavam as fases da infância e adolescência. Tem-se percebido hoje a importância de se estudar o curso de vida. No entanto, atualmente, parece que a produção científica, especialmente no Brasil, ainda tem como foco essas duas etapas e, conseqüentemente, é restrita quando se trata da vida adulta e da velhice. Por quê?

Fazendo novamente uma analogia com o desenvolvimento humano, uma ciência também passa por etapas evolutivas que são similares às etapas do curso de vida, isto é, infância, adolescência e assim por diante. Na história da psicologia recente, particularmente nas décadas de 60 e 70, a quase totalidade dos estudos focalizava o período da infância; o período da adolescência teve o seu marco inicial praticamente na década de 70, com as contribuições teóricas de Erickson, ampliando o nosso escopo para além da infância. É, portanto, nessa década, que a psicologia da adolescência ganha evidência. Ao mesmo tempo, nós tivemos outras contribuições muito importantes sendo divulgadas, como as noções de curso de vida, do próprio conceito de desenvolvimento humano e do Modelo proposto por Bronfenbrenner para se estudar o desenvolvimento. Do ponto de vista empírico, vimos trabalhos inovadores sendo publicados, dentre os quais os estudos de Paul Baltes, do *Max Planck Institute for Human Development* -

Berlim, que nos mostra a importância das evidências empíricas sobre outras etapas do curso de vida. Como sempre há uma lacuna no tempo entre os avanços teóricos e a produção empírica, as pesquisas sobre os demais períodos do curso de vida somente começaram a ganhar espaço a partir da década de 80. Isso significa um tempo muito curto se tivermos como referência as etapas de desenvolvimento de uma ciência. Em outras palavras, tudo isso é muito recente, é novo para nós. Acredito que isso explica em parte a concentração de pesquisas nos períodos da infância e da adolescência; por outro lado, está crescendo cada vez mais o interesse de pesquisadores sobre os outros períodos – velhice e idade adulta, como parte deste movimento gradual de evolução da ciência do desenvolvimento. Além disso, muitos dos pesquisadores que tinham como foco a infância passaram a investigar a adolescência, na medida em que seus participantes de projetos longitudinais de pesquisa avançavam nas etapas do curso de vida. Este é o caso, por exemplo, do Prof. Kurt Kreppner, também do *Max Planck Institute*.

Então, eu estou muito otimista com a nova geração de pesquisadores, que são vocês, que vêm recebendo uma formação já embasada na noção de que o desenvolvimento precisa ser visto na perspectiva do curso de vida, utilizando paradigmas sistêmicos para produção empírica conjunta com as demais disciplinas. Para concluir, esta ênfase na infância e adolescência não ocorre só no Brasil, é um fenômeno mundial. As pesquisas sobre os demais períodos do curso de vida, publicadas nos principais periódicos internacionais da área utilizados como fonte para os nossos levantamentos da literatura, nos levam a supor que a produção no Brasil é muito incipiente se comparada à produção global. No entanto, precisamos analisar isto tendo como referência outros países que não Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, Alemanha. Eu tenho visto, nos últimos anos, uma produção cada vez mais crescente na área de desenvolvimento humano. Contudo, é preciso destacar que, no Brasil, não temos muita infraestrutura para fazer pesquisa, particularmente pesquisas longitudinais, que são apropriadas para investigação sobre desenvolvimento humano. Diferente de países como os já mencionados, onde há Institutos específicos para investigação sobre temas de desenvolvimento, nós ainda temos um árduo caminho a ser percorrido no sentido de sensibilizar os dirigentes de Agências de Fomento à pesquisa

e pós-graduação, no Brasil, sobre a importância e a necessidade de investir recursos na ciência do desenvolvimento humano.

5) Existem várias teorias e perspectivas metodológicas em torno da pesquisa em desenvolvimento humano, embora nenhuma delas abarque a complexidade inerente a este estudo. Qual é, hoje em dia, o maior desafio para os pesquisadores dessa área?

A grande “descoberta” foi a nossa compreensão de que, para entender fenômenos complexos, precisamos de paradigmas sistêmicos. Esses paradigmas, na verdade, exigem a colaboração de outros olhares, de outras disciplinas, conforme mencionei anteriormente. E isso requer a elaboração de projetos de pesquisa que utilizem instrumentos inovadores para coleta e análise de dados, projetos que reflitam a complexidade do fenômeno, no caso do indivíduo, suas interações com outros sistemas sociais, em um dado tempo. Hoje, o Modelo Bioecológico de Bronfenbrenner, que é um modelo sistêmico, é visto pela comunidade científica da área, como uma ferramenta valiosa para guiar os pesquisadores na elaboração de seus projetos de pesquisa. De acordo com este modelo, para compreender o desenvolvimento, nós precisamos considerar em nossas pesquisas não somente a PESSOA e suas interações face-a-face (PROCESSOS PROXIMAIS), mas também o CONTEXTO, em suas várias dimensões, e o TEMPO. Como considerar todos estes componentes em um projeto de pesquisa? O próprio autor afirmava, já em seus primeiros textos publicados na década de 70, que não seria possível englobar todos os componentes de seu modelo em um único projeto de pesquisa, particularmente as dimensões do contexto. Para isso, o pesquisador deveria fazer escolhas. Por exemplo, se quero fazer uma pesquisa sobre relações familiares, o microsistema família é central, em se tratando da dimensão “contexto”. No entanto, eu preciso ter informações sobre outros microsistemas com os quais a família interage, tais como escola, vizinhança, trabalho, etc. Então, podemos selecionar, neste caso, outro microsistema importante, do ponto de vista dos objetivos do projeto. Por exemplo, se ele envolve questões específicas sobre crianças pré-escolares, a

escola seria uma boa opção. De acordo com o próprio Bronfenbrenner, precisamos ter informações sobre, pelo menos, dois microsistemas em um único projeto de pesquisa, embora o ideal fosse coletar dados sobre todos. Portanto, o pesquisador encontra vários desafios que fazem parte do processo de pesquisar, mas seu maior desafio é, na minha opinião, compreender bem a teoria que adota e ser inovador na construção de instrumentos de coleta de dados. Como disse anteriormente, estamos em uma fase de transição, de mudanças que requerem ousadia do pesquisador, mas uma ousadia calcada no conhecimento atualizado sobre o conceito de desenvolvimento humano e de teorias apropriadas para responder às questões de desenvolvimento. E só seremos bem sucedidos se soubermos planejar, de modo articulado, a teoria e o método em nossos projetos de pesquisa.

Outro grande desafio, já comentado, sobretudo para nós pesquisadores brasileiros, é desenvolver projetos longitudinais, que são os mais apropriados para responder questões tipicamente de desenvolvimento humano. Se a grande tarefa do pesquisador em desenvolvimento humano é traçar trajetórias probabilísticas, precisamos, obviamente, de projetos de pesquisa que produzam medidas em diferentes pontos no tempo. E projeto longitudinal, não se consegue fazer muito no Brasil, devido à falta de recursos financeiros, recursos humanos qualificados para a pesquisa e, também, por conta da excessiva pressão para publicação que sofremos, o que não favorece a realização de pesquisas com qualidade na área de desenvolvimento humano.

6) Em sua opinião, quais são os caminhos, ou seja, áreas de pesquisa, que os estudiosos do desenvolvimento humano devem explorar para que a pesquisa em Psicologia tenha impacto nas práticas de saúde e educação?

A questão não me parece de áreas de pesquisa a serem enfocadas, porque, em certo sentido, nós temos uma produção razoável na interface entre “psicologia” do desenvolvimento humano e educação e saúde. O nosso próprio Programa de Pós-graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde da UnB é um exemplo disso. O que me parece central é que não estamos produzindo conhecimento que

reflita as interações entre as diferentes disciplinas. Neste caso, o desafio mencionado anteriormente, de se trabalhar em equipes multidisciplinares, na tentativa de responder questões inter e transdisciplinares parece o caminho mais apropriado. Isso, sem contar que as questões dos estudos, para terem impacto nas práticas de saúde e educação, devem ser formuladas de acordo com o princípio da relevância social. Além disso, nós, da psicologia, precisamos também divulgar mais a produção do conhecimento teórico e empírico sobre a ciência do desenvolvimento humano em veículos da área de saúde e educação. Isso favoreceria o diálogo entre as disciplinas. Precisamos ampliar os nossos veículos de comunicação, precisamos publicar em revistas de outras áreas, porque, muitas vezes, o caminho que seguimos é o mais fácil – o de dialogar somente com o interlocutor que nos aceita. Devemos escrever para a educação, para a área de saúde, e assim, ir fortalecendo o diálogo, a fim de que possamos integrar as equipes desde a fase de planejamento da pesquisa.

7) Uma vez que uma educação de elevada qualidade depende de uma interação entre sistemas, o que fazer para ampliar e melhorar as relações entre família - escola - aluno?

Bem, esta é uma questão extremamente complexa. Se vocês estão querendo uma resposta do ponto de vista de metodologia de pesquisa em desenvolvimento humano, eu diria que produzindo pesquisas de melhor qualidade, compatíveis com os avanços na área da ciência do desenvolvimento, o que implica responder questões que sejam transdisciplinares, tal qual mencionei nas questões precedentes. Teríamos que investigar melhor como esses sistemas interagem entre si, para que possamos dar respostas mais apropriadas sobre as interações entre a família-aluno-escola. Acho que estamos caminhando para isso, mas a produção ainda é muito incipiente. Um segundo aspecto que gostaria de mencionar, considerando que um dos compromissos sociais do pesquisador é a divulgação dos resultados de seus estudos para a sociedade, é o de que nós precisamos reduzir a distância entre a academia e os beneficiários do conhecimento produzido por nós, neste caso, os microsistemas família e escola. Como faríamos isso?

Uma das maneiras seria produzindo material em linguagem acessível a este público, o que permitiria o acesso mais rápido do conhecimento de ponta da ciência. Se, por um lado, devemos nos aproximar mais desta clientela que, pacientemente nos ajuda, sendo os participantes de nossa coleta de dados, por outro lado, nós temos o dever de, pelo menos, tentar interferir nas políticas públicas que são os instrumentos mais ágeis e rápidos para produzir mudanças. O problema é que, em nosso país, as instâncias governamentais não estão preocupadas em fazer leis que estejam embasadas em produção científica. Quando somos ouvidos, na maioria das vezes, os candidatos têm intenções “eleitoreiras” apenas. A realidade em países como a Alemanha, por exemplo, é diferente. Lá, é habitual os pesquisadores serem convidados para debaterem com os partidos políticos questões que têm impacto para a população. Isto acontece quando eles pretendem submeter um projeto de lei, ou mesmo, antes da aprovação de leis pelo governo. Há uns anos atrás, o governo alemão estava discutindo a possibilidade de ampliar o número de horas de permanência das crianças nas pré-escolas e os partidos políticos promoveram vários debates com diferentes especialistas, a fim de se embasarem para a tomada de decisões; eles queriam saber, por exemplo, quais as vantagens e desvantagens, do ponto de vista do desenvolvimento, de uma criança permanecer mais tempo na escola, separada do convívio familiar. Essa realidade parece muito distante de nós; mas, por outro lado, eu me pergunto: o que nós, pesquisadores, fizemos ou estamos fazendo para ter nosso trabalho reconhecido em esferas que não a ciência, a academia?

8) Nos dias atuais, percebemos que a constituição familiar está se modificando, por exemplo, existem famílias mononucleares (onde há somente o pai ou a mãe), crianças educadas por avós, e ainda sistemas de guarda compartilhada. Você considera que as novas constituições familiares podem afetar de forma diferente o desenvolvimento da criança e do adolescente? Por quê?

Meu Deus!!! Vocês capricharam nas questões... Não são questões simples, que exigem respostas rápidas, por isso vou responder objetivamente, correndo o risco de ser mal interpretada. A resposta é sim, pois uma criança criada em um ambiente somente com a mãe,

por exemplo, terá a sua trajetória (aquela que discutimos anteriormente) diferente de outra criada, por exemplo, com a presença de um pai. Crianças criadas em “famílias recasadas”, com os “meus”, os “teus” e os “nossos” filhos têm uma dinâmica de interações e relações diferente de outras que crescem em famílias nucleares tradicionais – as com papai e mamãe biológicos e seus irmãos. Os padrões de comunicação variam em função das tipologias de família. Para vocês terem uma ideia da diversidade de famílias, há um autor alemão que gosto muito, que propõe 196 tipos de família convivendo nas sociedades ocidentais contemporâneas. Para Petzold¹, essas tipologias são abstraídas da combinação de variáveis como: os casais são casados legalmente ou não? Possuem filhos biológicos ou adotivos? Compartilham a renda ou não? Moram todos debaixo de um mesmo teto? E assim sucessivamente. A questão é que não sabemos quase nada sobre o funcionamento destes 196 tipos de famílias. Da mesma forma que os estudos em desenvolvimento priorizaram o período da infância, os estudos sobre família priorizaram, por diferentes razões, o estudo de famílias nucleares, que era, até meados do século passado, a composição mais habitual, do ponto de vista estatístico. O meu sonho é poder, um dia, acessar uma base de dados e listar toda a produção sobre família por tipologias 1, 2, 3..., até a 196 e, com isto, ter uma descrição, um mapa, de como as coisas acontecem nestas famílias, quais são os padrões de comunicação comuns, diferentes, etc. A produção sobre famílias nucleares é numerosa, mas nada ainda podemos dizer sobre as implicações de se (con)viver em famílias nucleares, extensivas, recasadas, etc., para o desenvolvimento do indivíduo ao longo do curso de vida. Nós precisamos de estudos longitudinais para dizer, com um certo grau de confiabilidade, alguma coisa sobre as implicações para o desenvolvimento das crianças.

Para finalizar, eu gostaria de agradecer a vocês duas pela oportunidade que me deram de refletir sobre estas questões e pela paciência infinita em esperar pela revisão do texto.

¹ Petzold, M. (1996). The psychological definition of the family. In M. Cusinato (Org.), *Research on family resources and needs across the world* (pp. 25-44). Milano: LEDEdizioni Universitarie.